



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

## A MEMÓRIA COMO OBJETO DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO PARA PESSOAS JOVENS E ADULTAS

Fabiana Consolação Dias de Sales – CP II<sup>1</sup>  
Andrea da Paixão Fernandes – UERJ<sup>2</sup>

### RESUMO

O trabalho ora proposto aborda a importância da memória para a formação docente no campo da educação de jovens e adultos, como uma pujante fonte de pesquisa que permite estabelecer diálogos com os múltiplos espaços de interlocução permeados pelas políticas públicas na formação de professores. A partir das narrativas de memórias docentes, é possível compreender a complexidade humana, seus percursos e trajetórias. As experiências de docentes que narram suas memórias revelam os impactos da formação sobre a prática docente, além de reconhecer as contribuições da memória como processo formativo, ressignificando saberes, práticas, lugar de fala, resistência e militância na educação. A pesquisa destaca que a memória é uma importante fonte de reflexão e de autoconhecimento, permitindo ao sujeito assumir o protagonismo da própria história.

**Palavras-chave:** Memórias, Narrativas, Formação de professores, Educação de Jovens e Adultos.

### Conversa inicial

A memória como objeto de estudo se constitui como potente recurso reflexivo e formativo em diferentes áreas. Para essa reflexão, partimos da releitura teórica de pesquisa desenvolvida sobre memórias e narrativas de professoras da Educação de Jovens e Adultos (EJA) (Sales, 2019).

Este trabalho tem por objetivo analisar as contribuições do campo da memória na formação de professores da EJA, a partir das vozes de professoras e referenciado no aporte teórico de Izquierdo (1989), Halbwachs (1990), Le Goff (1990), Pollak (1992) e Bosi (2016), que trazem subsídios importantes para compreendermos a constituição da memória individual

---

<sup>1</sup> Professora do Colégio Pedro II, Mestre em Ensino em Educação Básica (PPGEB-CAp-Uerj).- RJ, [cdiasfabiana@gmail.com](mailto:cdiasfabiana@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Titular do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-Uerj). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Educação Básica (PPGEB/UERJ) – RJ, [andrea@uerj.br](mailto:andrea@uerj.br)



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

e coletiva, possibilitando o registro do que se lembra, dos esquecimentos e de lacunas provocados por diferentes aspectos.

Segundo o dicionário Caldas Aulete<sup>3</sup>, duas definições dialogam com esse estudo: a primeira diz respeito à capacidade de reter e recordar impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente; a segunda refere-se à reminiscência, recordação, lembrança. O acesso a essas informações pode ser provocado por inúmeros estímulos, tais como, os sentidos, um cheiro, um toque, uma imagem, um objeto, um local, um som, dentre tantas outras possibilidades.

Considerando a área da educação e delimitando nosso campo de diálogo na formação de professores da EJA, rememorar suas experiências de vida proporciona acessar lembranças que produzem sentidos de aprendizagem e aproximação entre formação e prática docente (Furlanetto, 2018).

## **Memória como objeto de pesquisa**

O conceito de memória apresentado no referido dicionário e pelos autores que fundamentam esse trabalho, permite compreender a complexidade em que a memória se constitui nos sujeitos e como eles a elaboram a partir de suas experiências individuais e coletivas.

Num contexto amplo, a memória de um indivíduo está concentrada em suas experiências particulares sobre algum fato ou evento. No entanto, as experiências também ocorrem coletivamente, na interlocução com o outro e consideram lembranças boas ou ruins que compõem nossa individualidade. A constituição da memória, ainda que seja particular, faz parte de um meio maior, agrega, repercute e dialoga com a memória de outros indivíduos, pois somos o resultado de experiências acumuladas em nossas trajetórias de vida e isso reverbera e alcança, de alguma forma, nossa vida e escolhas.

A rememoração de fatos vividos permite uma reflexão dos eventos ocorridos, levando a compreender ou questionar ações que aconteceram em determinada ocasião ou contexto.

---

<sup>3</sup> Dicionário on-line Caldas Aulete, disponível em <https://www.aulete.com.br/mem%C3%B3ria> e acessado em 07/05/2024.



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Geralmente guardamos o que é mais significativo e simbólico. Nesse sentido, para Izquierdo (1989, p. 89)

Quando se diz a palavra **memória**, a primeira que salta à evocação não é a memória das molas, dos discos ou dos computadores; é a memória das experiências individuais dos homens e dos animais, aquela que de alguma maneira se armazena no cérebro. Desde um ponto de vista prático, a memória dos homens e dos animais é o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências; a aquisição de memórias denomina-se aprendizado. As experiências são aqueles pontos intangíveis que chamamos presente (grifo do autor).

Assim, memória é o que guardamos na lembrança e experiência diz respeito ao aprendizado adquirido.

Em relação à memória coletiva, Le Goff (1990, p. 423) a considera como “propriedade de conservar certas informações, [e] remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passada”, envolvendo várias áreas do conhecimento.

Segundo Le Goff (1990) e Pollak (1992), a memória é seletiva. Nossa mente não grava todos os detalhes e informações de um evento vivido, mas conserva os dados que são mais significativos e que ficam armazenados, sendo outros silenciados. A esse respeito, segundo Pollak (1992, p. 204), a memória “sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa”, ao passo que para Le Goff (1990, p. 477)

a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

A memória individual é atravessada pela construção da memória coletiva; ambas acontecem simultaneamente e se interpõem. Para Pollak (1992), a memória individual carrega marcas do meio social. De acordo com Halbwachs (1990, p. 26), “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais somente nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós”.



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

A convivência promove a memória coletiva e muito de nossas lembranças são inspiradas em conversas com familiares e colegas. Assim, as lembranças são atualizadas no momento que são narradas (Bosi, 2016). Nesse sentido, em diálogo com a mesma autora, afirmamos que o acesso à memória ocorre a partir de uma narrativa e permite compreender como as lembranças se constituem individual e coletivamente, fixando sua imagem para a história.

## **Narrativa como metodologia**

Na pesquisa realizada, o acesso às memórias docentes decorre das narrativas das experiências de vida e formação acumuladas ao longo de suas trajetórias.

A narrativa é um importante recurso metodológico, pois viabiliza que o sujeito rememore episódios significativos e contextualizados referentes a um tema. Permite a reconstrução de fatos e fenômenos sociais, revela o ponto de vista daqueles que testemunharam eventos históricos, além de provocar profundas reflexões nos depoentes e nos leitores.

Toda experiência humana pode ser narrada e não há uma única forma de fazer esse registro. O narrador escolhe o ponto de partida, elenca a sequência de acontecimentos e a ordem de apresentação. Ainda que o narrador proponha uma ordem cronológica, a organização dos eventos pode ser intercalada com outras histórias que vão contribuindo e dando mais sentido à narrativa principal. Carregada de sentidos, uma narrativa envolvente provoca aproximação e afetividade. Quem a conta, tem a oportunidade de reviver e refletir sobre experiências vividas e quem lê se identifica, emociona-se, há uma conexão.

No campo da educação, a narrativa é um potente recurso de análise e investigação de trajetórias, haja vista que transforma histórias particulares em experiências e aprendizados formativos. Quem nunca se encantou com histórias pessoais e biografias que inspiram? A narrativa traz esse encantamento e afetividade, provoca emoção e admiração, mas também revela conflitos e situações delicadas.



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Assim como a memória seleciona o que será guardado, o narrador escolhe o que será dito. Os silêncios e lacunas também são reveladores e, na metodologia da narrativa, o pesquisador precisa ter a sensibilidade de acolher esses movimentos.

Na escola aprendemos a narrativa como gênero textual, com estrutura própria onde o estudante desenvolve um enredo através de uma sequência de acontecimentos e a ação dos personagens. Há uma organização cronológica, mas também do enredo fazendo com que as narrativas secundárias façam sentido no contexto maior do tema da narrativa. Na pesquisa narrativa, o potencial reflexivo e discursivo é muito valorizado da forma em que são contadas as histórias e experiências de vida, seja ela oral ou escrita. Cabe registrar que na dimensão deste trabalho, destacamos as narrativas orais da memória como fonte de pesquisa.

O sujeito ao narrar, tem propriedade de fala. É através da narrativa que podemos conhecer o indivíduo e toda sua história, pois ao narrar ele rememora e traz elementos importantes e reveladores.

Os melhores narradores são aqueles que deixam fluir as palavras na tessitura de um enredo que inclui lembranças, registros, observações, silêncios análises, emoções, reflexões, testemunhos. São eles sujeitos de visão única, singular, porém integrada aos quadros sociais da memória e da complexa trama da vida (Delgado, 2003, p. 22-23).

Falar de si não é algo simples e requer organização, pois ao acessar lembranças que foram silenciadas pela memória, o narrador escolhe o que quer falar ao outro; seleciona e apresenta a sua melhor versão, ainda que traga momentos difíceis e delicados. É um momento e movimento de autorreflexão, autoconhecimento. O potencial formativo que a narrativa de nossa memória tem para o outro, também tende a ter para nós mesmos; é um desnudar a si mesmo para se apresentar para o outro (Benjamin, 1992).

Todavia, segundo Benjamin (1992, p. 197), “a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” porque não acreditamos no poder de transformação de nossas narrativas. “É como se uma capacidade que nos parecia inalienável, a mais segura de todas, nos tivesse sido tirada: a capacidade de trocar experiências” (Benjamin, 1992, p. 28). Dessa forma, vamos guardando nossas histórias em



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

caixas metafóricas e, assim, deixando de compartilhar vivências, saberes, afetos, lembranças que teceram e tecem nossas histórias de vida.

Conforme Reis (2008), o sujeito reconstrói suas experiências e trajetórias pelas narrativas e é essa potencialidade que Benjamin (1992) insiste para que não abramos mão, haja vista que “a narrativa da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória” (Bosi, 2016, p. 68).

A narrativa não é uma lista de acontecimentos, mas é constituída de elementos que marcam o tempo, lugar e outras histórias que fazem sentido interligando pequenas outras histórias, delimitando início, meio e fim. Leva em consideração a proximidade entre o ouvinte e o narrador. A história ganha maiores detalhes a fim de promover a aproximação.

A seleção dos depoentes será determinante para a qualidade do material coletado. Quanto mais proximidade com o tema, mais relevante e detalhada será a entrevista. É importante preparar o ambiente de entrevista com o mínimo de ruído externo, ter um bom gravador ou câmera de vídeo para que o registro seja o melhor possível.

É estratégico, orientar o entrevistado sobre o tema no começo da gravação, de forma a não interromper a narrativa, nem ficar preso ao jogo de perguntas e respostas que pode comprometer o foco da pesquisa e a essência da narrativa (Bauer, 2002).

No entanto, isso não significa que a entrevista não tenha uma estrutura, um parâmetro ou pergunta norteadora para direcionar o entrevistado.

Uma vez iniciada a narrativa, o pesquisador não deve interromper o entrevistado, pois, dessa forma, se contribuiu para que as suas histórias possam ser contadas, ou seja, é importante deixar que o entrevistado fale até que ele sinalize que concluiu. Ao final, o pesquisador pode pedir ao entrevistado para aprofundar um ponto ou outro, caso perceba que ele se sente confortável para continuar e concorde com essa possibilidade.

Bauer (2002, p. 101) aponta que a entrevista pode ter desvantagens.

(...) cada informante construirá hipóteses sobre o que o entrevistador gostaria de ouvir. O entrevistador deve, pois, ser sensível ao fato de que a história que ele obterá e, até certo ponto, uma comunicação estratégica, isto é, uma narrativa com o propósito tanto de agradar ao entrevistador, quanto de afirmar determinado ponto, dentro de um contexto político complexo que pode estar sendo discutido.



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Ao pesquisador, cabe o cuidado de analisar essas questões e levar em consideração as expectativas do depoente. Cada entrevista é única. Ainda que a história se repita, ela está sendo contada sob outra ótica.

## **A memória e a narrativa na pesquisa em educação**

A principal discussão dessa pesquisa é a memória como objeto e a narrativa oral como metodologia de pesquisa.

Clandinin e Connelly (2011, p. 27), dizem que “as pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros”. Sales (2019, p. 115) complementa que “o estudo com as narrativas permite um aprendizado colaborativo entre aquele que vivenciou a história e quem a leu. É a interpretação do outro a partir do lugar social que ele ocupa”.

Numa pesquisa em educação seguimos ritos, metodologia, rigor na análise dos dados coletados, mas se todo esse aparato não dá visibilidade ao ser humano e sua singularidade e não fomenta recursos pedagógicos, estruturais, financeiros em prol de uma efetiva qualidade na educação, qual é o seu sentido?

Ao narrar, o sujeito ressignifica experiências e saberes. Traz nas lembranças, sons, cheiros, lugares, pessoas que contribuíram de alguma forma para a construção de sua identidade. De certo, escutar a história do narrador exige, do pesquisador, sensibilidade de ouvir, continuar e saber parar. Para além da palavra dita, evocada, é preciso interpretar os silêncios não como algo a ser escondido, mas como um limite do narrador e que deve ser respeitado.

## **Considerações finais**

Na pesquisa com narrativas de memória, a análise do conteúdo apresentado não se propõe a julgamentos dos depoimentos dos sujeitos, mas a compreender e perceber os percursos que leva o leitor a uma profunda reflexão e aprendizados sobre a complexidade





# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

humana e suas trajetórias, permeadas por contextos histórico, político e social que nos atravessa cotidianamente.

Ao evocar suas lembranças sobre formação, o docente se permite a um novo olhar sobre elas, reconhece seu valor e assume o protagonismo de sua história (Reis, 2008). Assim, as professoras participantes da pesquisa nos possibilitam elaborar outras reflexões no campo da EJA.

As memórias e narrativas das professoras nos ensinam a partir de suas experiências e trajetórias constituídas pelas relações vivenciadas. Desse modo, conhecer as memórias de alguém potencializa nos humanizarmos, aproximarmos e nos afeta. Logo, é transformador para todos os envolvidos.

## Referências

BAUER, Martin W. Bauer; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático / Martin W. Bauer, George Gaskell (editores); tradução: Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2002. 516 p.

BENJAMIN, W. Sobre arte, técnica, linguagem e política. Relógio D'água Editores, 1992.

BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FURLANETTO, E C. Formação de professores: um percurso, múltiplos desafios da pesquisa (auto)biográfica. FURLANETTO, E C; NACARATO, A M; GONÇALVES, T V. O. Espaços formativos, trajetórias de vida. Curitiba: CRV, 2018, p. 97-119.

HALBWACHS, M. Memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod\\_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf) Acessado em: 28 ago. 2019.

IZQUIERDO, I. Memórias. Estud. av., Ago 1989, vol.3, no.6, p.89-112. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n6/v3n6a06.pdf> Acessado em: 28 ago. 2019.





# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS/TEMPOS EDUCATIVOS

LE GOFF, J. História e Memória. Campinas; Editora da Unicamp, 1990. P. 366-419.

Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> Acessado em: 15 ago. 2018.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Editora FGV, v.5, n.10 1992, p. 200-212. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> Acessado em 28 ago. 2018.

REIS, P. R. dos. As narrativas na formação de professores e na investigação em educação. Nuances: estudos sobre Educação. Presidente Prudente, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 17-34, jan./dez. 2008. Disponível em:

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/174/244> Acesso em: 17 set. 2019.

SALES, F. C. D. de. Memórias de formação das professoras da EJA: contribuições para a prática docente. 2019. Dissertação. (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.